

ISSN 1676-0387

JUNG & CORPO

REVISTA DO CURSO DE PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO JUNGUIANA COLIGADA A TÉCNICAS CORPORAIS
ANO I - Nº 1 - 2001



O RETRATO GENIAL DE VINCENT

Uma observação analítica de alguns auto-retratos de Van Gogh¹

Denise Maia²

O presente trabalho é fruto de uma observação de base analítica destinada a ampliar a perspectiva crítica da vida e da obra desse grande homem. Vincent sempre foi visto sob o ponto de vista da patologia. Procurei lançar um outro olhar sobre ele, falando não apenas da doença, mas de sua genialidade.

Pintor holandês cuja vida, apesar de curta, foi intensa, concentrou em si mesmo seu trabalho e sua técnica, um refinamento que o levou a um extremo artístico e existencial. A partir de suas dificuldades, além da precariedade de vida, irrompeu-se o inconsciente com seus conteúdos arcaicos – um desmembramento interno mas um esforço supremo para conservar e realizar o eu. Nessa patética desordem houve uma poderosa resistência à desintegração: em sua angústia extrema, descobriu uma ordem de cores e formas que permitia resistir à fragmentação.

A intensidade das cores, sua grande paixão, bem como a instabilidade das linhas, carregadas de agitação, são reflexos de um mundo interno bastante perturbado. Através da sua enorme sensibilidade, Vincent expressou todo o seu sofrimento. Pintando, tentava dar formas visíveis aos conflitos que atormentavam sua alma.

Sua vida foi uma busca constante de si mesmo, expressa na elaboração de 43 auto-retratos num período de apenas quatro anos e confirmada pela extensa correspondência trocada

¹ Este breve ensaio é parte integrante de um trabalho que está sendo elaborado para eventual publicação.

² Psicóloga, especialista em Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais pelo Instituto Sedes Sapientiae.

com seu irmão Theo (aproximadamente 800 cartas). Em cada auto-retrato Vincent demonstrava a necessidade contínua de exploração de aspectos de seu ego, numa busca incessante de sua própria identidade. Ao se retratar, ele estava à procura de uma moldura que, além de dar forma às suas imagens internas, o mantivesse em contato com a realidade exterior preservando-lhe a sanidade. Sua tela não era apenas o espelho onde se interrogava, mas também um laboratório, um terreno de experiências onde adotava técnicas em função dos sentimentos que vivenciava. Cada vez que ele tentava uma nova técnica era em seu próprio rosto que o fazia. Seus auto-retratos serviam-lhe para aperfeiçoar dados adquiridos ou experiências pessoais, principalmente quando se tratava do olhar, perdido, vazio e amedrontado.

Auto-retratos são espelhos da psique profunda, reflexos dos estados da alma. Quando examinados em série, assim como as imagens de um sonho, revelam a continuação no fluxo de imagens do inconsciente. Dessa forma, optei pela observação dos auto-retratos de Van Gogh, através dos quais pode-se percorrer o caminho existencial por ele trilhado. Sabe-se que a expressão da fantasia, em suas mais diversas formas, como a pictórica, possibilita a manifestação espontânea de um processo, em si inconsciente, denominado processo de individuação.

A leitura de um auto-retrato pode ser feita pressupondo uma dialética figura-fundo, onde se considera cada figura de Vincent uma projeção atualizada de sua vida, que busca destacar-se do fundo. Observa-se assim sua luta constante para se diferenciar, com alguns momentos de maior organização interna e outros de grande desestruturação.

Após sua automutilação, ainda no hospital e voltado totalmente para dentro de si mesmo, ele procurou reiniciar o seu trabalho através dos auto-retratos, buscando nos olhos dos observadores o espelho da alma, que refletia sua situação. Apesar de os últimos auto-retratos irem se tornando o reflexo de um mundo interno que se desintegrava, num certo momento, Vincent parecia transcender o limite egóico e atingir outros níveis de realidade.

Para Jung, a arte não é apenas um produto psíquico que pede uma compreensão regressiva, mas uma observação prospectiva em que o significado e o caráter de cada obra são inerentes a ela e não determinados apenas pela experiência íntima e pessoal do artista. Sabendo a importância que é atribuída às imagens e aos símbolos, convido-os agora a se deixarem envolver por alguns dos ^{e seus} auto-retratos apresentados na palestra³.

Seus primeiros auto-retratos eram escuros. A figura se mistura ao fundo que era portanto neutro e obscuro. Os olhos pareciam vazados denotando uma profunda melancolia (A.R.4).

A maior parte dos A. R. desta série (A. R. 12; A. R. 31; A. R. 32) foi feita em Paris, num momento de muita angústia. Apesar disto, o fundo vai se tornando mais claro e o efeito do

³ Palestra proferida no 1º Re-Encontro de Alunos e Ex-Alunos do Curso Jung e Corpo, em outubro de 2000, no Instituto Sedes Sapientiae.

impressionismo mais presente em suas telas, com a utilização de cores mais fortes e brilhantes.

A partir de sua chegada a Arles, sentiu-se entusiasmado. Era o sol da Provence a iluminá-lo e a ser irradiado em suas telas. Busca identificar-se com as pessoas simples do campo, não mais valorizando a “persona parisiense” (A. R. 33).

Em seu quarto, depois que mutilou sua orelha esquerda, pinta-se a partir de seu reflexo diretamente do espelho. Assim, a orelha direita, e não a esquerda, aparece enfaixada. Busca então convencer a si mesmo e aos outros de que, apesar de tudo, estava bem (A. R. 38).

Quando se tornam mais intensas as alucinações e as fantasias persecutórias são feitos os últimos quatro auto-retratos, dentro do hospital psiquiátrico em Saint Remy, todos eles mostrando a orelha esquerda intacta. A desintegração interna é expressa na desmaterialização da imagem (A. R. 41).

No penúltimo auto-retrato (A. R. 42), como se tivesse vivenciado o máximo de sofrimento possível, pareceu transcender o limite egóico e atingir outros níveis de realidade.

O último auto-retrato (A. R. 43), presente dado por Vincent à sua mãe, expressa uma falsa realidade, o desejo de como gostaria de ser visto e lembrado.

Sabendo-se que a individuação seria a realização gradual e completa do potencial latente, armazenado na psique individual, e que individuar-se seria tornar-se aquilo que se é, no reencontro com a sua alma e no sentido de vida orientado pelo Self surgem, então, algumas questões: Cumpriu Van Gogh seu trajeto existencial? Como avaliar ou mensurar a realização do Self?

Segundo Pascal Bonafoux (1994), historiador de arte francês, “Van Gogh é sua própria arte. Através da pintura, se perde e se reencontra; pinta-se para estar seguro de existir” (p. 175).

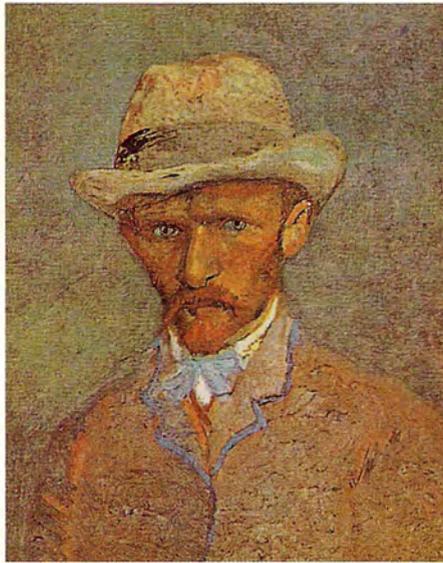
A obra de Vincent fascina; da profundidade vem a luz que nos toca. Essa luz, irradiada em suas telas, fruto de um chamado interno em sua vida, expressa todos os valores do drama humano – a dor de viver. Por isso, Vincent é atemporal e será eterno.

Referência Bibliográfica

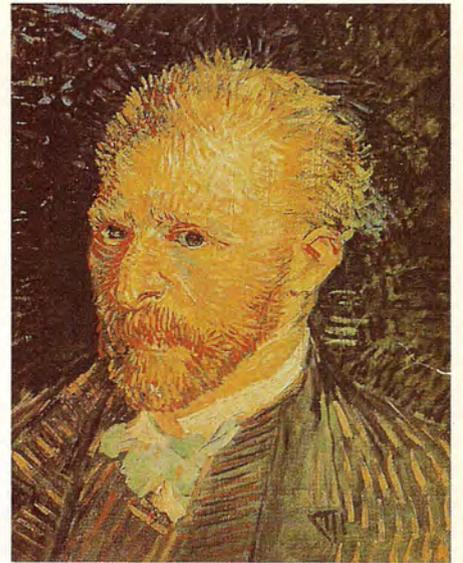
BONAFoux, Pascal *Van Gogh: The passionate eye*. Trieste: Editoriale Libreria, 1994.



A.R.4



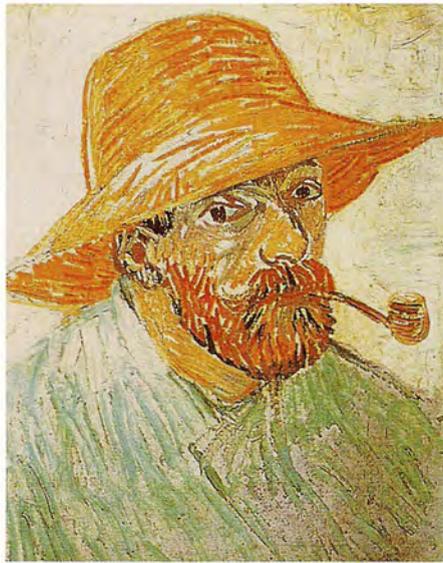
A.R.12



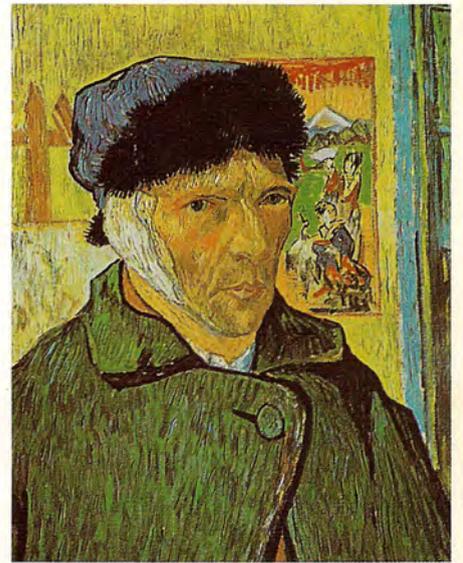
A.R.31



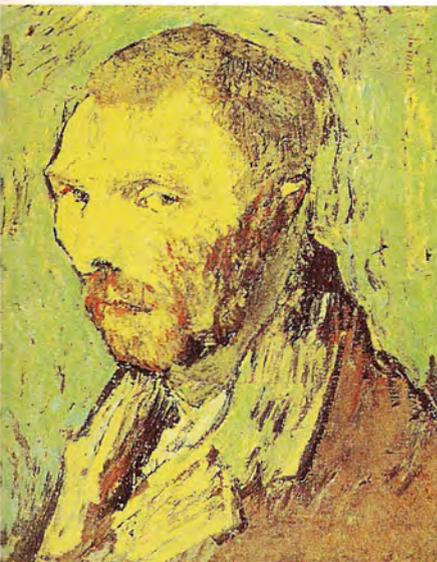
A.R.32



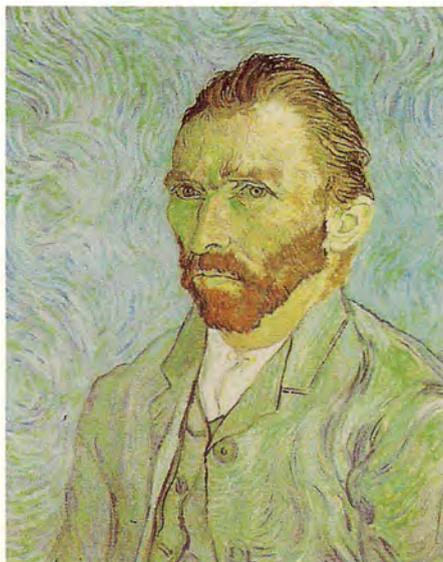
A.R.33



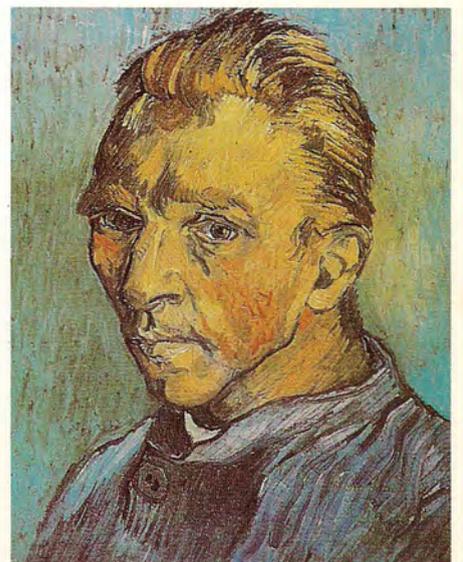
A.R.38



A.R.41



A.R.42



A.R.43